

Pataxós aumentam ocupação no Parque de Monte Pascoal

Monte Pascoal (Marlene Abade da Sucursal Extremo Sul) - Índios pataxós de 14 aldeias localizadas no sul e extremo sul do estado intensificaram a ocupação da sede da reserva florestal do Parque Nacional de Monte Pascoal, que começou na noite da última quinta-feira. Vestidos a caráter, com corpos pintados, portando borduna, taca-pe e maraca (símbolo de luta) e entoando cânticos de guerra, mais de 300 famílias se instalaram no local e ficaram aguardando a chegada da coordenadora do Parque Carmen Florêncio, no dia seguinte quando avisaram que estavam lá para assumir as terras que entendem que pertencem à comunidade indígena. Os índios fizeram barreiras na entrada da reserva e se revezam na guarda, enquanto aguardam famílias que chegam de outros lugares.

A ocupação do Parque aconteceu depois de reunião do Conselho de Caciques que, segundo Alfredo Santana Ferreira, cacique da aldeia de Boca da Mata, aconteceu na segunda-feira para discutir a situação do índio, sobretudo com os preparativos para os 500 anos, e entenderam que havia um descaso dos órgãos competentes com a questão dos pataxós. Indignados com a demora dos órgãos federais, Ibama e Funai em avaliar os projetos que

estão parados em Brasília, sem resposta, resolveram tomar o Parque. "Já fomos a Brasília várias vezes e não encontramos solução. Sentimos que estamos sendo enrolados e não tivemos outra alternativa a não ser tomarmos posição".

Briga

A questão dos índios com a reserva de Monte Pascoal vem se arrastando desde 1961 quando o Parque foi criado e a comunidade indígena teve que se deslocar para outras aldeias e até mesmo passaram a trabalhar para fazendeiros da região. Hoje, a área considerada indígena mede 862 hectares, enquanto brigam pela posse de uma área de 22 mil hectares que perderam com a formação do Parque.

O cacique Alfredo Santana Ferreira conta que o objetivo da ocupação foi para os próprios índios administrar suas terras. "Os pataxós não aceitam mais ficar de fora do processo", destacou Alfredo, que culpa os órgãos federais que querem colocar o índio como figurante nas comemorações dos 500 anos. "Não temos nada a comemorar. Se não possuímos as terras que são nossas por direito. Queremos administrar o parque em parceria com o Ibama, ONGs e entidades

que respeitam o nosso direito, a nossa cultura."

"Queremos poder trabalhar na preservação da reserva. O Ibama não administra o parque, está abandonado há seis meses sem funcionar. Mantém quatro fiscais que não atendem as necessidades e ainda acusam o índio de desmatar, quando na verdade são brancos que destroem a mata, são caçadores e pescadores clandestinos que têm entrado e saqueado o parque e o Ibama não fez nada", acrescenta o cacique.

O coordenador regional da Apoinme Articulação Povos Indígenas do Nordeste, Minas e Espírito Santo, Joel Brás explica que a meta do movimento é reivindicar as terras pelos limites de 1943 que previa a área de 22 mil hectares, que compreende a região de Boca da Barra, em Caraíva, Montinho, Serra do Gavião, do Guturama, e outras áreas até a foz do Rio Caf, na região de Prado. Além disso, defender os interesses dos povos indígenas e aproximar as mais de 800 famílias indígenas de vários grupos remanescentes dos pataxós "que vivem sofrendo, trabalhando dentro de fazendas, ganhando R\$ 5 por semana", denuncia o coordenador da Apoinme.

Acesso fechado desde 1961

Joel Brás enfatiza que não quer acordo com o Ibama. "Tivemos toda boa vontade de encontrarmos juntos uma solução. Nosso objetivo agora é reconquistar as terras dos pataxós, estamos pensando no futuro de nossos filhos, que nascem a cada ano. Em seis aldeias nossas nascem 400 índios por ano e daqui a 15 anos vamos ter necessidade de reivindicar na Justiça o nosso direito".

Brás lembra que desde 1961 os pataxós estão sem acesso ao Parque, sem espaço para difundir sua cultura

e diz que "os órgãos federais olhavam a questão com indiferença e com essa nossa atitude estamos dando também uma resposta ao Ibama, que pouco se responsabilizou pelos erros, fez vistas grossas com relação aos estragos causados pelos brancos que tiravam e tiram madeiras, transformam em toros e estacas e são atribuídos aos índios".

"Queremos o domínio do Parque e que Brasília junto à Funai atenda os projetos e as questões das terras que estamos reivindicando. esclarece o cacique Alfredo Santana Ferreira."